

relação, sobre a pessoa como ser relacional e livre, e sobre o ser humano como unidade substancial de alma e corpo. Na segunda parte – «A adveniência da pessoa» –, em outros tantos capítulos, analisa primeiro o steiniano e humano desdobrar-se sobre o sentido do seu próprio ser: depois, sobre a interioridade espiritual como morada de Deus e espaço de doação; o capítulo terceiro incide sobre a economia da salvação; o quarto, sobre cruz e fecundidade; o quinto, sobre o viver da vida de Cristo, no Espírito Santo.

Como se vê, na obra de Edith Stein há, não só uma permanente abertura à transcendência, mas, mais concretamente, uma abertura ao sobrenatural. Uma filosofia que se abre em teologia.

JORGE COUTINHO

AGOSTINHO, Santo, **O Mestre**, col. «Earth Gift», Largebooks Unipessoal, s. l. [Lisboa], 2010, trad. de António Costa, 107 p., 219 x 140, ISBN 978-989-96012-2-2.

Livro muito conhecido, um dos primeiros que o grande Mestre de Hipona escreveu, ainda em plena juventude, em forma de diálogo socrático com seu filho Adeodato, através de uma minuciosa análise do processo de ensino / aprendizagem entre mestre e aprendiz da verdade vai lentamente trazendo à luz que por meio de palavras ninguém ensina a verdade a ninguém. A verdade só se ensina por si mesma, cabendo ao aprendiz dela descobri-la por si mesmo, no interior de si mesmo, a partir dela mesma. O que exteriormente se apresenta como mestre não é mais que um pedagogo cujo papel consiste em levar o aprendiz àquela descoberta. Com efeito, como Agostinho dirá no seu *De vera religione*, «é no interior do homem (ou no

“homem interior”) que habita a verdade». E é a partir daí que ela vem à luz, sendo que a própria verdade interior tem a sua fonte mais remota no Mestre interior, Cristo, o Verbo ou Palavra de Deus, que habita no interior do homem e nele se torna Verbo iluminador.

Este é um clássico da filosofia, muitas vezes reeditado, que mostra, por si mesmo, o valor perene da obra de pensamento daquele que foi chamado, e foi de facto durante muitos séculos, Mestre do Ocidente.

JORGE COUTINHO

AGOSTINHO, Santo, **Da Grandeza da Alma**, col. «Earth Gift», Largebooks Unipessoal, s. l. [Lisboa], 2010, trad. de António Costa, 172 p., 219 x 140, ISBN 978-989-8415-05-9.

Mais um dos «diálogos filosóficos» de Agostinho, *A grandeza da alma* (*De quantitate animae*), com bastante influência do platonismo, procura responder a algumas importantes questões do aluno Evódio a respeito da alma humana. O grande mestre desenvolve o seu discurso dialógico no sentido de mostrar a ascendência da alma sobre o corpo e sobre si mesma e a sua capacidade para a contemplação de Deus. A união da alma com o corpo constituindo um único ser completo com capacidade para existir também em estado de separação – união que Agostinho considerou sempre um dos maiores mistérios da natureza humana – é também aqui versada. A sua essencial vocação é a contemplação da Verdade, que habita, por participação / iluminação no interior do homem (ou na própria alma espiritual) e cuja realização acabada terá lugar no estado de separação, na visão imediata da eterna Verdade que

é o próprio Deus. É esta capacidade que constitui a sua maior grandeza.

JORGE COUTINHO

HISTÓRIA / BIOGRAFIA

GOMES, Pinharanda, **A alma cristã da Europa**, col. «Lusíada – Ensaios», Fundação Lusíada, Lisboa, 2011, 230 p., 230 x 160, ISBN 978-972-9450-54-9.

Pinharanda Gomes é bem conhecido como investigador e pensador, dedicado muito particularmente aos âmbitos da história filosófica, da história da cultura e da história da Igreja em Portugal. Alia com facilidade, nos seus ensaios e estudos, uma vastíssima erudição e um alto poder especulativo e hermenêutico. No presente volume, editado pela Fundação Lusíada, coligem-se uma série de estudos de sua autoria, a quase totalidade dos quais já saídos a lume em diversas revistas ou livros. O título com que quis abranger o conjunto é o mesmo que atribuiu ao primeiro deles, publicado precisamente nesta revista *Theologica*, no seu vol. 39 (2004) 263-299, agora revisto e ampliado.

E de facto, na pluralidade dos assuntos patente nos diversos títulos, pode o leitor facilmente encontrar o denominador comum da preocupação com o desenrolar da história de uma Europa que já se quis, e foi, marcada pelo espírito (ou pelo génio) do cristianismo e que, no presente se vê (e se quer, parece) em evolução para (ou já em estado de) uma Europa com evidente preocupação e «expressão económica», mas «sem raiz teonómica».

No estudo sobre a «A alma cristã da Europa», Pinharanda Gomes procede a uma pertinente e profunda reflexão sobre a identidade europeia, confrontando Oci-

dente e oriente, passado e futuro, integração e desintegração (ou o actual confronto entre cristandade e laicidade), enfim, o presente (com muito de desencanto para os cristãos) e futuro (que, para eles, deve ser sempre de esperança). Um longo, profundo e belo estudo, que ocupa as páginas 17 a 72. Em «O génio do Cristianismo segundo Chateaubriand», detém-se na análise e consideração de algumas linhas fundamentais presentes nesta obra do grande autor do romantismo francês, com especial atenção à acusação do Iluminismo racionalista do século XVIII – que pôs em circulação a ideia do cristianismo como factor de atraso cultural e obscurantismo – e a nova apologética, cultivada pelo romantismo, que, pelo contrário, procura pôr em evidência os grandes valores próprios do espírito cristão que animou e enformou a Europa no decurso de muitos séculos. Em «O diálogo Igreja / mundo na revista “Estudos Sociais”», ligada ao CADC de Coimbra e ao movimento da «Renascença Católica», procede a um resumo da existência desta revista, no contexto do tempo, que foi o da preparação e advento da República, tendo nascido em 1905 e terminado em 1911. «Sena Freitas e o americanismo» serve a Pinharanda Gomes para traçar um belo e bem documentado esboço da situação do cristianismo em Portugal ao tempo daquele sacerdote lazarista (1840-1913), brilhante orador e vigoroso polemista, com particular incidência na sua recepção do «americanismo» mitigado e ortodoxo posto a circular pelo bispo norte-americano John Ireland (1838-1918), contraponto de um americanismo radical orientado para a modernização, por parte dos cristãos, pela valorização do individualismo em matéria de fé e, consequentemente por um certo relativismo (além de um notório pragmatismo). O capítulo seguinte desta colectânea oferece o texto da tradução